

Adonias Filho: a trilogia do cacau

Elsa Dias dos Santos
PUCRS

A partir das colocações da Crítica Literária, acrescentadas às leituras dos romances de Adonias Filho, percebe-se o merecido destaque do escritor na Literatura Brasileira. Pretende-se observar através de um trabalho comparado dos livros que compõem a sua "trilogia do cacau": *Os Servos da Morte* (1946), *Memórias de Lázaro* (1952) e *Corpo Vivo* (1962), como o autor trabalha o regionalismo-naturalismo. Vale já ilustrar com as palavras do próprio Adonias, em entrevista concedida a um periódico, infelizmente sem identificação, datado de 10.6.61, sobre a correlação entre os três romances (na ocasião do lançamento da 2ª edição de *Memórias de Lázaro* e da finalização de *Corpo Vivo*).

" 'Servos da Morte', 'Memórias de Lázaro' e 'Corpo Vivo', embora independentes, constituem uma trilogia que tem como ambiente a zona baiana do cacau. Na mesma atmosfera, um romance completa o outro, no sentido de uma problemática geral. É provável que, com 'Corpo Vivo', 'Memórias de Lázaro' venha dispor de percepção mais acessível a uma certa parte do público."
(Adonias:1961)

Adonias Filho nasceu em 1915, em Itajuípe, região do cacau. Iniciou suas atividades intelectuais em Salvador, partindo após para o Rio de Janeiro. Além de romancista, contribuiu também como crítico literário, bem como produziu alguns en-

saio. Salienta-se Sul da Bahia: Chão de Cacao que se insere neste ensaio, contribuindo no entendimento da ambientação dos romances.

Adonias é ímpar. Está a léguas do ufanismo dos românticos, ultrapassa o regionalismo dos realistas e não faz parte da geração de 30, que faz um regionalismo mais otimista. É moderno, da geração de 40/45, distante do modernismo rebelde. É de uma época em que

"Não era preciso mais negar todo um passado para afirmar um presente. Por isso Adonias Filho se apodera de um modelo antigo de narrar e consegue dar-lhe uma nova roupagem: é o homem moderno que se volta para um passado longínquo." (Paiva, p. 21)

A sua obra restringe-se à região da Bahia, sua terra natal. Defende o Regionalismo mesmo que para alguns seja encarado como fora de época. Afirma ser impossível, mesmo na ficção intimista, dissociar o complexo cultural da produção artístico-literária. A produção de Adonias surge em um período inovador na literatura brasileira, onde a criação se distancia de fórmulas e conceitos romanescos.

"A partir de então, o romance vem se tornando pouco suscetível a uma definição formal e à caracterização: não possui forma tipográfica definida, contexto ou desempenho definidos." (Paranhos, 11)

Segundo Silverman, Adonias consegue fundir de forma harmoniosa o Naturalismo e o Regionalismo, comparando-se a Guimarães Rosa, porém afirmando sua superação através do tratamento dado ao destino humano. Um destino indissociável do determinismo e da violência. Em Sul da Bahia: Chão de Cacao, o autor caracteriza o material de sua ficção.

"Aí, em todo esse tempo, nas funduras das grandes florestas, em todo o que foi uma guerra contra a natureza, gerou-se uma violenta saga humana no ventre mesmo da selva tropical."

Saga que, fermentando matéria artística e ficcional, correu para configurar o que realmente é um complexo de cultura regional. O cacao, à proporção que altera a paisagem, a empurrar e diminuir a selva, abrir fazendas, a estabelecer um sistema de comércio, conforma culturalmente uma região." (Adonias, 14)

Justificando sua ficção, o próprio Adonias diz: "Eu me retrato a mim mesmo retrato meu ambiente brasileiro".

Passando ao exame das obras propostas, pode-se verificar com clareza toda essa distinção de um regional que não fica na linguagem e nos tipos, mas fotografa uma realidade, de um naturalismo que ultrapassa a visão determinista da vida humana, toca fundo a psique das personagens, imprimindo a fatalidade.

A primeira obra da trilogia - Os Servos da Morte - narra a vida na Fazenda Baluarte. Habitada por Paulino Duarte e seus cinco filhos, como o próprio nome diz, é uma fortaleza inexpugnável. O ódio e a vingança ali presentes asseguram o distanciamento do mundo e os que ali penetram são corrompidos. A presença feminina é mal vista. Paulino Duarte mais animal do que humano casa-se com Elisa, com quem tem quatro filhos. Ela faz um filho bastardo para vingar sua infelicidade. Angelo sempre acompanhado do fantasma da mãe é seu vingador. Atormenta Paulino até sua morte e tomado de insanidade leva Rodrigo a assassinar a filha de Claudia, sua cunhada. Claudia, segunda personagem feminina, que poderia representar o equilíbrio é contaminada pelo ódio inexplicável. Enfim, os desumanos personagens estão emaranhados numa quase tragédia grega, onde o vento, a terra e as plantas são seus cúmplices.

Em Memórias de Lázaro, convém salientar o início da narrativa com a apresentação do espaço, pela sua beleza poética.

"Infinita é a estrada com suas curvas, suas colinas e suas árvores. ... para nós que a conhecemos desde crianças, existe quase como uma criatura humana. Insensível, acolhemos com desprezo, sem bondade."

... é o mundo que liga as nossas vidas e une as nossas esperanças e sofrimentos ... o vale existe porque existe a estrada." (Mem. Lázaro, 3)

A estrada é atribuída características humanas, é a espinha dorsal que une e rege a existência do vale e seus seres. É um prenúncio do que vai se desenrolar na narrativa, a animalização do homem e a humanização da natureza. É uma incógnita a possível existência do Vale do Ouro. Estão presentes os elementos ódio, violência e o vento como premonição.

Alexandre é o narrador-personagem; apresenta o Vale do Ouro e seus habitantes, através de suas memórias. Filho de um forasteiro, Abílio, proveniente de Ilhéus, com uma demente, Paula, que morreu de parto; é criado por Jerônimo, um ser primitivo, morador de uma caverna na rocha. A oportunidade de conhecer o outro lado - a vida além do Vale -, é dada a Alexandre, mas uma força maior, um magnetismo o traz para o lodo.

Corpo Vivo que encerra a trilogia tem a mesma ambientação - a zona cacauera. Conta a história de Cajango que teve sua família chacinada por jagunços e é criado por seu tio índio, Inuri. É educado para vingar seus pais e irmãs e dessa forma age. Porém encanta-se por Malva, despertando seu lado humano, dando assim término a luta e a um final romântico.

Os três romances são ambientados no Sul da Bahia, na região do cacau. Ilhéus, cidade importante no escoamento da produção, é sempre citada. Lugares menores como Itajuípe, Coaraci, Camacã (reserva indígena) e outros são igualmente presentes.

Na verdade, além da familiaridade do autor com este chão baiano, ele vem a calhar nos seus propósitos literários. O calor tropical e o isolamento imposto pelos obstáculos naturais são cenários ideais para transmitir a rudeza e o primitivismo, provando o seu determinismo.

Contudo, o espaço mais preciso da ficção é que vai interessar. A Baluarte, o Vale do Ouro e a mata do Camacã são espaços quase herméticos. A Baluarte de Os Servos da Morte é vítima de uma maldição, lugar onde ninguém quer entrar e quem o faz corre o risco de não sair ileso. O mundo do Vale do

Ouro parece a parte, imaginário. Uma possibilidade brutal, que interferindo ao mundo "normal" dissemina sua "doença". Não é totalmente fechado porque Abílio nele ingressa, porém é sem saída. Alexandre experimenta o caminho do qual veio o pai, mas é sugado inexplicavelmente de volta. A mata do Camacã, para onde Cajango é levado por Inuri é intransponível aos não convidados, bem como a serra, destino do herói e sua salvação.

Em relação ao tempo histórico, baseando-se no próprio Adonias em Sul da Bahia: chão de cacau, as obras se encaixam entre o segundo ciclo, época dos desbravadores e o terceiro ciclo, de consolidação econômica do cacau, tendo em vista a existência de Ilhéus, citada em Memórias de Lázaro e Corpo Vivo. Em Os Servos da Morte, Itabuna ainda existe.

A narrativa de Adonias Filho não é linear. Há um misto de passado e presente, do narrador e da narrativa; trabalha o tempo cronológico e psicológico. Suas narrativas funcionam como um quebra-cabeças que instiga o leitor.

*"Ao introduzir as vozes narrativas, Adonias também insere a técnica que a língua inglesa refere como *ti-meshift* (mudança de tempo). Rebelando-se contra o enredo linear, a seqüência e a seleção casual, o autor vai tecendo associações que buscam a lucidez de processos individuais de cada personagem. Daí as mudanças de ênfase do acontecimento externo para o interno, numa evocação livre do fluído e mutável modo de ser das personagens, que, apesar disso, forma uma imagem totalizante que age como um bloco ou feixe de reações e pensamentos no leitor."* (Paranhos, 14)

Memórias de Lázaro ilustra bem a questão do tempo. Segundo Carneiro, há o tempo da memória, onde os acontecimentos se classificam de acordo com uma ordem interna de importância que lhes confere o narrador. Marca a existência de um plano objetivo onde estão os acontecimentos e fatos de que participa o narrador, a história de Alexandre. E um plano subjetivo onde estão as indagações do personagem narrador buscando penetrar no fundo das causas e conseqüências.

O jogo do tempo traz uma certa expectativa e instabilidade aos fatos. Os cortes narrativos deixam a veracidade do fato narrado, muitas vezes, suspensa. Deixando, deste modo, margem para imaginação do leitor. O caso de Rosália exemplifica claramente esta situação.

Quanto às personagens é interessante a colocação de Silverman que, em poucas palavras, as caracteriza muito bem.

"As personagens sobrevivem a dilemas recorrentes, tão previsíveis quanto o vento, a chuva e a seca anual. suas vidas são cíclicas, sua morte amíúde prematura e violenta. Esse modo de vida rotativo é fielmente refletido no plano das histórias de Adonias Filho." (Silverman, 17)

A insanidade, a prostituição, os defeitos físicos e a bestialidade gerada pelo ódio e pela violência são marcas registradas dos personagens de Adonias.

É fácil traçar paralelos entre os personagens da trilogia, pois se assemelham pela origem que motiva seu desamor, brutalidade e marginalidade. Miguel Duarte, Paulino, Alexandre e Cajango são órfãos. Paulino Duarte e Abílio filhos de prostituta. As mulheres vem de uma outra estrutura. Elisa e Claudia vem de uma família "normal"; Rosália tem pai e três irmãos, numa relação suspeita; Malva perde o pai e o irmão, mas ganha Cajango.

A presença feminina sempre vai desencadear um problema. Observa-se que as mulheres não são bem recebidas neste meio, e, em geral, originam-se de família constituída. É o caso de Elisa, que deseja salvar a família da falência; Claudia que vem por amor. Rosália é diferente, sua relação com pai e irmãos não é clara. Habita o Vale do Ouro, lugar em que há fidelidade as origens, a animalização e a impossibilidade de solução é tudo.

Elisa sente uma imensa repulsa por Paulino. Uniu-se a ele a por necessidade financeira. Claudia ingressa nesse meio marcado apenas pela vontade de Quincas contra todos. O ódio de Elisa é passado para Angelo que acaba contaminando e prejudicando Claudia, cuja filha, menina, é sacrificada.

Paula é louca, morre de parto. Rosália é uma incógnita: louca, perversa ou vítima? Por sua causa muitas mortes ocorrem.

Malva é motivo de discórdia, porém provoca um final romântico. Cajango tinha família e sentimentos e a eles retorna ou retoma.

As doenças e defeitos físicos dos personagens acentuam o clima pesado do romance. A miséria humana desfila em Augusto Padeiro (louco) e Gemar Quinto (leproso). Pode-se citar, ainda, outros personagens patológicos: Angelo (psicopata), Rodrigo (alcoólatra), o Sangrador (homicida).

Em Memórias de Lázaro, Alexandre tem sua chance, experimenta mundos opostos. De um lado Jerônimo como pai e amigo. Um homem que nunca questionou sua origem, vivendo como um legítimo homem das cavernas. Mesmo tomado pela frieza que o Vale imprime em seus habitantes, há ainda um resquício de sentimento humano em Jerônimo, demonstrado através de sua fiel amizade com Abílio e na proteção paternal a Alexandre. Em outro mundo o que deu origem a seu pai Abílio, encontra-se Natanael, com uma estrutura familiar organizada, em que o papel de um verdadeiro pai e uma verdadeira mãe existem. Há presença de afeto e compreensão.

O que desencadeia o ódio e a violência em cada romance explica melhor a relação dos personagens.

Em Os Servos da Morte, a princípio o ódio é causado pelo isolamento. Miguel Duarte órfão, vive sozinho. Une-se a Lica, esta morre de parto, o filho não lhe interessa. Paulino equiparado aos cães é rejeitado por Elisa, que também rejeita os filhos por serem tão brutos quanto o pai. Daí em diante, principalmente através de Angelo, desenvolve-se um furor incontável. A tragédia está feita.

Os personagens, em Memórias de Lázaro, são impelidos pela própria natureza do Vale. São animais violentos porque assim o é a vida no vale, este é seu normal.

Em Corpo Vivo, há um motivo plausível para a violência. Cajango conheceu o amor da família, viu seu sangue. A

tradição indígena exige a vingança. Cajango foi educado por Inuri para tal. Aprendeu a sobreviver como um animal.

Observa-se uma gradação da violência do primeiro ao último romance da trilogia. O primeiro é completamente doentio, o segundo cria um mundo que poderia existir ou não, tanto que fora dele ninguém o conhece. Esse dado pode justificar os atos. No Vale, humanos, animais e natureza são iguais. O terceiro justifica a violência, tanto que após tantas mortes apresenta um final feliz. Neste aspecto destoa dos primeiros.

Comentando o modo de escrever de Adonias, Silverman coloca:

"O romancista é um mestre do "conto enquadrado", tão próprio à sua visão determinista. Num processo de empatia, personagens estão sempre contando uns aos outros sejam as suas próprias e tristes histórias, seja alguma velha lenda ... Uma delas desempenha de ordinário o duplo papel de narrador-participante, filtrando assim dentro a prolixidade os dados pertinentes." (Silverman, p. 16)

Um aspecto importante a salientar é a questão dos narradores. O modelo de narrador impresso em *Os Servos da Morte* difere das duas outras obras da trilogia, utiliza um narrador onisciente. Já, em *Memórias de Lázaro* temos um narrador-personagem que narra na ordem do fluxo de memória. Dentro dessa memória estão inseridas as narrativas de Jerônimo, Abílio, Rosália e Roberto. Em *Corpo Vivo* temos alternância de narradores, sendo Padrinho Abílio o primeiro. O tropeiro João Caio serve de fio condutor à narrativa. Através de suas perguntas vai se tomando conhecimento dos fatos.

É interessante esse vai-e-vem da narrativa, como a elaboração de um quebra-cabeças, montado aos poucos, despertando a curiosidade do leitor.

A organização do texto, também elemento desse quebra-cabeças, funciona com distribuição em partes, sendo que cada parte tem um prólogo e subdivide-se em outras partes. Seria o prólogo a primeira semelhança com a tragédia grega. Além disso, são textos carregados de mitologia.

Hebe, em *Corpo Vivo*, funciona como o coro da tragédia grega. Representada como uma velha de cabelos longos e brancos, prega o destino (moira), através do refrão: "mataram os passarinhos de Deus". Cajango, pela sua atuação, também torna-se um mito, sua história corre de boca em boca como uma lenda, contudo não tem o destino do herói trágico.

Em *Os Servos da Morte*, há o mito da maldição da Baluarte, bem como a valorização das relações de parentesco e o final trágico.

O espaço denominado Vale do Ouro, em *Memórias de Lázaro*, configura-se um espaço mítico, está além da realidade. Alexandre faz parte desse mundo, está organicamente ligado a ele, tanto que retorna e atira-se no canal do lodo.

Considerando o espaço mítico, o tempo e o espaço serão grandes forças misteriosas que dirigem e determinam.

As transgressões que fazem parte da tragédia grega, como o incesto, o fratricídio e o parricídio estão presentes no romance.

Na trilogia a ação é fruto do meio sobre os sentidos. O chafurdar no lodo, rolar na terra, molhar-se na chuva constante, o vento incessante, dirigem as ações dos personagens, levando-os, em geral, do estado febril ao delírio.

Segundo o autor, seu interesse está no humano, e é com este ser que ele mexe levando-o ao clímax da agonia.

Na verdade, a partir de uma região que o autor bem conhece, acrescidos elementos literários, dá uma mostra do quanto o meio agreste pode influir nas ações humanas. É naturalista, sem dúvida, ao comprovar o determinismo; regionalista na ambientação e caracterização dos personagens.

Entretanto, seu alvo principal é mexer com os brios do leitor, levando-o à reflexão sobre a condição humana. Seu objetivo é atingido, consegue ir profundamente na crueldade, cavoucar feridas, expor vísceras do ser humano desumano. Assim atinge o âmago do artístico. Guardadas as proporções e respeitando os gêneros, lembra o "efeito" Nelson Rodrigues, isto valorizando a produção literária brasileira, sem reportar à tragédia grega.

Enfim, tem-se como resultado uma belíssima criação, com dosagem de elementos da tragédia grega e romance moderno.

Bibliografia

- CARNEIRO, Odélcia Leão. *As Implicações do Mito e Animismo em Adonias Filho*. São Paulo: 1981.
- FILHO, Adonias. *Corpo Vivo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 1977.
- _____. *Memórias de Lázaro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 1961.
- _____. *Os Servos da Morte*. São Paulo, Edições de Ouro: s.d.
- _____. *Sul da Bahia: Chão de Cacao*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.
- PAIVA, Margarida Maria do Nascimento. *A Narrativa Curta de Adonias Filho: uma releitura*. Porto Alegre, PUC, 1977.
- PARANHOS, Maria da Conceição. *Adonias Filho: Representação Épica da Forma Dramática*. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.
- SILVERMAN, Malcolm. *Moderna Ficção Brasileira*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.